

Considerações finais

Ana Carolina Biscalquini Talamoni

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TALAMONI, ACB. Considerações finais. In: *Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 153-157. ISBN 978-85-68334-43-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O laboratório de Anatomia é como um mundo à parte, dotado de uma cultura particular e separado por um conjunto de práticas e por uma ética específica que o difere dos outros ambientes de aprendizagem que os licenciandos em Ciências Biológicas frequentam ao longo do curso, o que se dá, em parte, pela trajetória percorrida no processo de constituição da ciência anatômica, que corresponde a uma história de proibições, medos e restrições que, em um sentido mais profundo, expressam o tabu alimentado pela morte e pelos mortos nas sociedades ocidentais.

O tabu da morte está emparelhado a outro tabu, que é o próprio cadáver, que evidencia a morte em vários planos, como a morte do organismo vivo, a morte do outro, anônimo ou querido, e, enfim, a iminência de nossa própria morte. Ele encarna a negação máxima do homem, que é a sua finitude, e destrói, através de seus despojos, o ideal de uma vida eterna.

Foi no bojo das contradições e ambiguidades imanentes a esse ambiente específico de aprendizagem que se buscava compreender que a Antropologia Interpretativa de Clifford Geertz mostrou-se como um aporte teórico profícuo, e motivo pelo qual acabou se tornando um dos eixos norteadores do livro. Justamente por suas peculiaridades e sua capacidade em dialogar com pesquisas sociais

de cunho qualitativo, optou-se por apresentar a metodologia da descrição densa na forma de capítulo teórico; aliou-se a isso o fato de conceber-se a aula tanto como um momento pedagógico quanto como um ato antropológico.

A Educação, talvez mais do que qualquer outra área do conjunto das Ciências Humanas, instiga o diálogo e o empréstimo de conceitos elaborados no bojo de variados campos do conhecimento. Sob as rubricas da multi e da transdisciplinaridade, um grande número de propostas tem sido apresentado e a pesquisa que resultou neste livro empenhou-se em enfrentar esta questão.

Partiu-se do suposto que os conteúdos e as estratégias de ensino empregados nas salas de aula e nos laboratórios de hoje contam com uma história, e essa história está visceralmente comprometida com as possibilidades e limites epistemológicos de cada uma das disciplinas e sua veiculação nos quadros do trabalho docente.

A despeito das diversas estratégias discursivas e ritualísticas historicamente engendradas, e das quais o discurso e o conhecimento científicos são parte, a aceitação da morte e, mais especificamente, da morte simbolizada pelo cadáver está à margem da história individual e coletiva, impossível de ser integrada à norma, que se denomina, em Biologia, vida. Mas a mesma Biologia que não despreza a evolução de todos os seres não pode desdenhar da História.

A aula, e mais especificamente a aula de Anatomia, comporta uma série de peculiaridades que fazem do processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina uma experiência não só acadêmica, mas também de ordem pessoal. Configura-se em uma das poucas infrações autorizadas ao tabu da morte e, ao colocar pesquisadores, professores e alunos em contato com cadáveres, deixa de ser apenas uma prática acadêmica para constituir-se em um episódio semanal de embate do indivíduo com a morte.

A Anatomia, portanto, é uma questão da ciência, mas é também parte de uma questão filosófica mais abrangente e certamente bem mais remota, que indaga a origem e o destino do homem, seu desejo pela imortalidade bem como sua humanidade, que se expressa na experiência de estar frente a frente com a morte e o morto, ambos

constantemente a lhe lembrar de sua finitude. Enquanto campo disciplinar, mostra-se consistente, tendo granjeado para si certo poder entre o meio acadêmico, o que lhe garantiu historicamente um grande espaço curricular, o que se deu em parte como decorrência do isomorfismo de seu ensino, como ocorreu no Brasil com a escola boveriana, que primeiramente floresce no âmbito da Universidade de São Paulo para, em seguida, disseminar-se por outras instituições de ensino superior.

A insistência com a qual o docente salientou que um dos objetivos da disciplina era perpetuar a escola reitera o caráter tradicional da mesma e demonstra que frequentar o laboratório de Anatomia é uma das experiências estratégicas do processo de construção da identidade do biólogo ao longo do processo de formação inicial; daí seu caráter ritualístico.

A recorrência aos princípios norteadores da observação da realidade adotados pela Antropologia emblematizada por Clifford Geertz também favoreceu a constatação da aula de Anatomia como um ritual, isto é, uma judiciosa teatralização. Tal encenação, longe de ser uma produção exclusiva de um docente altamente gabaritado para desempenhar sua função e seu papel, pauta-se pela construção histórica de um conhecimento que, enquadrado em termos disciplinares, corresponde à apresentação de um saber conjugado com uma série de atos declarados e pequenas e quase imperceptíveis atitudes que apresenta aos alunos não só os elementos fundamentais do saber sobre a anatomia humana, mas também as atitudes e palavras eticamente admitidas dos e pelos estudiosos da disciplina frente ao cadáver e às peças anatômicas.

Nesses termos, o “teatro anatômico” unespiano não se esgota em si mesmo. O professor, auxiliado por um técnico, reiterava o poder da História ao elaborar matrizes de saber e de comportamentos que, mesmo que paulatinamente modernizadas e ajustadas a públicos específicos, guarda, mesmo que com certo empenho de ocultamento, modelos que foram sendo forjados no correr dos séculos. Mais ainda, toda disciplina – ou campo do conhecimento – comporta “escolas” que buscam conquistar adeptos e assim se perpetuar; o

professor, nesse contexto, mostra-se em sua formação acadêmica, em suas falas e em seu comportamento em sala de aula como membro de uma escola anatômica – a boveriana – e, mesmo que seus alunos não estejam treinando para serem médicos, os postulados da escola do mestre italiano continuam sendo implementados, oito décadas após Bovero ter deixado a vida.

Se a aula de Anatomia Humana é um produto sempre renovado da História, os comportamentos dos alunos também o são. Acredita-se que, no decorrer do período formativo, os universitários vão pouco a pouco substituindo o conhecimento baseado no senso comum – ou próximo disso – que portavam ao ingressar no ambiente universitário por um conhecimento respaldado na ciência e na ética que esta propõe. Isso não implica, por óbvio, a existência de angústias e “sustos”, que, se são próprios da vivência de cada aluno, também se constituem em formulações arquitetadas no decorrer de um tempo milenar, se não imemorial. Apesar dos propalados “avanços” das ciências e do espírito que impregna o personagem pós-moderno, este está imbuído de uma sensibilidade multidimensional que une, não sem contradições, o “novo” da ciência com o “velho” das mitologias antigas.

Desse embate resultam medos não confessados e que são judiciosamente ocultos. Tais medos foram percebidos nos momentos de aula e, em alguns casos, confessados no decorrer dos encontros. Constata-se, pois, que, no ambiente teatral, os alunos não são meros espectadores, mas também atores que participam eficazmente da *mise-en-scène*, inclusive em consequência da capacidade do docente de criar um cenário que eleva ao máximo o poder simbólico de todos os elementos arregimentados para a encenação que ele orquestra.

Vale ressaltar ainda que a autora não se vê alijada de participação nessa trama grupal. Os eficientes desempenhos do professor, do técnico e dos alunos também a contagiam, tornando-a mais um protagonista da encenação. Como os demais personagens, apesar de todas as armas oferecidas para a “objetivação em termos científicos de seu objeto de pesquisa”, ela também se deixa seduzir pelo espírito grupal e o que ela vê e o que ela sente são frutos de

sua trajetória pessoal frente ao que testemunhou semanalmente. Portanto, como advertem os praticantes da “descrição densa”, o que no final ela oferece é uma possível versão do que observou. Em consequência, admite-se aqui não uma prática científica em busca de verdades irrefutáveis, mas sim uma atitude que, sem deixar de ser científica, propõe-se a fixar uma interpretação dos fatos. Uma interpretação dentre tantas outras possíveis.

Este livro buscou o encaminhamento que colocou em conjugação uma multiplicidade de saberes e que, centrado na disciplina Anatomia e em seu ensino, buscou suporte na Educação, na História, na Antropologia e, com menos intensidade, na Psicologia.

Desse modo, tornou-se possível inferir que, para a comunidade acadêmica, quando um aluno opta por um curso de Ciências Biológicas, encontra-se apto, ou melhor, preparado para lidar com o ambiente do laboratório, de modo que essa “peculiaridade” do curso raramente é discutida. Nas aulas observadas, a não ser pela aula inaugural e pela leitura da “Oração ao cadáver desconhecido”, não houve espaço para que os alunos confessassem seus medos e/ou angústias frente aquela experiência de aprendizagem, o que se constituiu em rico material de análise.

Os discursos e os comportamentos engendrados pelos estudantes ao longo das aulas de Anatomia Geral e Humana, que culminaram de certa forma no processo bem-sucedido de familiarização desses personagens com o acervo anatômico, já que 30 dos 31 alunos da turma observada foram aprovados na disciplina, correspondem por um lado ao processo de desenvolvimento de discursos e posturas científicas afinadas com a identidade profissional do biólogo. Por outro lado, as ambiguidades, o stress e as angústias geradas pelas aulas evidenciaram que o processo de familiarização com o cadáver depende da capacidade de cada indivíduo de contornar as dificuldades e constrangimentos gerados pelo ambiente de laboratório, criando mecanismos psicológicos e cognitivos, como a negação (da humanidade do cadáver), que, para além de um mecanismo de defesa, é condição inseparável para se pensar a morte.